

Hoje eu não vou servir o café

por Joyce Delfim

Esta resenha quer sair da cozinha. Suada, respingada de óleo e espuma de detergente. Ela quer ser feminista - pessoal e política. Para falar do livro *Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira*, de Roberta Barros, ela necessita ser feminista.

Roberta Barros estabelece através do livro, na produção feminista sobre arte no Brasil, a potência que o feminismo apresenta de não ser apenas uma teoria sobre mulheres, mas uma teoria produzida por mulheres para pensar a história e a sociedade. Essa potência é reiterada ao longo de todo livro: ao traçar uma história da arte brasileira; ao analisar politicamente os motivos pelos quais diversas artistas brasileiras não se reivindicam feministas; ao tecer conexões e rupturas entre a teoria e produção da arte feminista norte-americana e européia com a produção que se deu e se dá no Brasil.

A autora vai além do usual levantamento de obras produzidas por artistas mulheres - etapa importante de uma investigação acadêmica, mas que precisa ser complexificada. Barros faz leituras enredadas por teorias feministas, psicanalíticas, antropológicas e sociológicas das obras de artistas como Anita Malfatti, Anna Maria Maiolino, Annie Sprinkle, Cristina Salgado, Daniela Mattos, Judy Chicago, Lygia Pape, Márcia X, Rosana Paulino, Valie Export, entre tantas outras evocadas pela escritora, também artista.

O terceiro capítulo do livro, também chamado *Elogio ao toque*, exterioriza, a partir da análise e discussão da performance *Dar de Si*, de Roberta Barros, a indagação da escritora-artista sobre o *corpo feminista*. Um corpo político, que transita entre mundos de concepções ontológicas distintas - mundos em que ele pode ser sujeito, objeto ou abjeto. Esse último “status”, conceituado no feminismo por Julia Kristeva, em 1980, diz respeito à mistura, ao intermédio, ao que não cabe na moldura. Portanto, o abjeto é o “status ambíguo entre o eu e o outro” (BARROS, 2016, p. 199), algo entre, ou, a fusão de sujeito e objeto.

Existir enquanto *corpo feminista* pode ser interpretado como tornar-se sujeito em um mundo. Mas como tornar-se sujeito depois de ser tornada *mulher* - o Outro, o abjeto? Esta



resenha começa querendo sair da cozinha para a rua, mas não enquanto o sujeito que ocupa a rua - asséptico, austero e de terno e gravata -, e sim enquanto *corpo feminista*.

Referências bibliográficas:

BARROS, Roberta. *Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira*. Rio de Janeiro: Relacionarte, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORDO, Susan. JAGGAR, Alison M. (Org.); tradução Britta Lemos de Freitas. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DAVIS, Kathy. (Org.) *Embodied Practices: Feminist Perspectives on the Body*. Londres: SAGE Publications, 1997.

DOUGLAS, Carol Anne. *Love and Politics*. São Francisco: Ism Press, 1990.

